

**O GÊNERO ALMANACK  
COMO DIFUSOR DA LÍNGUA BRASILEIRA**

*Eliane Santos Paulino* (UEMS)

[eli14santos@hotmail.com](mailto:eli14santos@hotmail.com)

*Luciene Cristina Paredes Müller* (UEMS)

[lucristina@hotmail.com](mailto:lucristina@hotmail.com)

*Nataniel dos Santos Gomes* (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

**RESUMO**

No prefácio do *Almanack Corumbaense* (1898), Ricardo D'Elia, editor, anunciou que a referida publicação tratava-se de uma “fonte de informações minuciosas e úteis, elemento de propaganda das riquezas naturais” e destacou ainda: “este meu trabalho faz jus à proteção de todos os cidadãos que se interessam pelo bem ser e prosperidade de seu paiz”. Essa proposta “nativista” é refletida nas contribuições de escritores brasileiros ao referido almanaque, entre eles Álvaro Bomílcar. A linguagem simples, como posteriormente sugeriu, reforça o pensamento do autor de construção da nacionalidade. Revelar o *Almanack Corumbaense*, com essa abordagem, é destacá-lo, em seu valor documental, como relevante difusor cultural por seus efeitos no plano linguístico. Para tal estudo, as orientações de Koerner (1996) subsidiarão a base metodológica e os conceitos de Koch (1997) permitirão avaliar algumas das atividades discursivas presentes na produção do referido almanaque, visto compreender uma “atividade interacional” de cunho social.

**Palavras-chave:** *Almanack Corumbaense*. Língua Brasileira. Nativismo.

**1. Introdução**

Os periódicos, historicamente, sempre apresentaram notoriedade. Sejam “folhetins” ou “almanaques”, eles ganharam um público assíduo no apogeu de suas publicações. De caráter eclético, o último garantiu seu lugar no cotidiano das famílias brasileiras. De linguagem clara e objetiva, representou, por muito tempo, único elemento de interação informativa nas comunidades rurais, embora se destacasse também no meio urbano.

Koerner (1996, p. 60), em seu princípio da contextualização, sugere que este “diz respeito ao estabelecimento do ‘clima de opinião’ geral do período em que as teorias se desenvolveram”, tal metodologia remete à necessidade de observação do pensamento intelectual da época que influencia o contexto histórico em estudo. A aplicação de citado princípio faz-se essencial na análise do *Almanack Corumbaense* pelas muitas evidências linguísticas de autoria de indivíduos que objetivavam

mais que uma simples publicação, segundo seu editor Ricardo D'Elia: “fonte de informações minuciosas e uteis, elemento de propaganda das riquezas naturais do Estado (...) faz jus á proteção de todos os cidadãos que se interessam pelo bem ser e prosperidade de seu paiz”.

Outro princípio metodológico sugerido por Koerner (1996, p. 60), da imanência, trata das dimensões internas da língua. O citado *Almanack*, como documento histórico, servirá de aporte para análise da língua utilizada à época.

Em Koch (1997, p. 22): o texto é “resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que tem lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social”, Desse modo, como sugere o editor, o *Almanack Corumbaense* cumpre sua função interativa.

## **2. Noção de Almanaque**

O almanaque foi pensado, primeiramente, como um gênero de publicação anual, que reunia um calendário em que se destacavam as fases da lua, os eclipses, as previsões astronômicas e variadas reportagens literárias (CÂMARA, 2009). O primeiro almanaque publicado em Portugal pertence ao ano de 1496, conhecido como *Almanach Perpetuum de Abraão Zacuto*, na cidade de Leiria – particular meio de divulgação de notícias. Sobre sua relevância Eça de Queirós destaca: “o almanaque é o livro disciplinar que coloca os marcos, traça as linhas dentro das quais circula, em precisão, toda a nossa vida social”.

Mesmo oriundo do séc. XV, os almanaques só encontraram popularidade em meados do século XIX, foram se modificando e se adequando como meio de comunicação por meio de exigências de seus leitores, que eram, em sua maioria, da população rural e da periferia das cidades.

Câmara (2009) afirma que, com o passar dos anos, os almanaques começaram a atingir as classes burguesas e seu conteúdo foi modificado, passando a contar com assuntos políticos, religiosos e outros interesses específicos da época.

Tal caráter popular advinha, principalmente, da utilização de linguagem simples e, portanto, acessível a todas as camadas da população. Sua formatação original assemelhava-se ao livro ou folheto e, posteriormente, além dos calendários, foram englobados ao seu conteúdo, especi-

almente, propagandas de remédios, poesias, anedotas e muitas indicações úteis aos leitores.

No Brasil, os primeiros almanaques surgiram no final do século XIX, tinham como objetivo a apresentação e a venda de remédios, além de divulgarem as farmácias da época. Um dos almanaques de maior destaque é o *Pharol da Medicina*, do Estado do Rio de Janeiro, do ano de 1887, com tiragem de 100.000 cópias, o que significou um número considerável de leitores.

Exemplos relevantes são o *Almanack da Comarca de Lorena*, de 1882, o *Almanack do Correio de Campinas*, de 1886, e, no Mato Grosso, o *Almanack Corumbaense*, datado no ano de 1889 – *corpus* deste estudo, na perspectiva de relacioná-lo a importante instrumento de divulgação de uma língua nacional. Hodiernamente, instituído como gênero, o almanaque ainda é uma variante comum de publicação periódica.

Os gêneros textuais são mecanismos de interação, em que se configura uma prática social. Com o gênero almanaque não é diferente: inúmeras são as contribuições que se configuram na sociedade, ora por seu teor informativo, ora por sua abrangência linguística.

### **3. O Almanack Corumbaense, de 1898**

O *Almanack Corumbaense* foi editado em 31 de dezembro de 1898, mas sua publicação ocorreu no ano de 1899, por Ricardo D'Elia. É composto de 115 páginas e há registro de apenas uma publicação.

Tal periódico apresenta um histórico da cidade de Corumbá, que foi fundada em 21 de setembro de 1776 pelo então Governador Capitão General Luiz de Albuquerque Velho; retrata a invasão protagonizada pelos paraguaios (1865) e destaca sua prosperidade: a Lei de 21 de maio de 1873 tornou-a comarca, passando a ser cidade em 15 de novembro de 1878.

Em uma perspectiva descritiva, os redatores retrataram a cidade e seu pitoresco cotidiano, com precisões numéricas: “dois theatros, 13 tavernas de 1ª classe, 57 de 2ª, 5 padarias, 9 barcos”. Tal ênfase também foi atribuída aos “vultos regionais”, com destaque à nítida preocupação pela falta de destaque do município em âmbito nacional, conforme se vê (*Almanack Corumbaense*, p. XV):

Ainda que esteja tão desconhecida do mundo oficial e político, pois que,

abrindo uma chorografía do Brazil, cujo autor é um patriota ilustre e eminentemente conhecido, o Dr. Alfredo Moreira Pinto, ainda é ella apresentada n'estes laconicos termos: “Corumbá, antiga povoação de Albuquerque, á margem do Paraguay, victimada pelos paraguayos com Alfanega”, E mais não disse. Mas não tem culpa o distincto e illustre historiador e geographo. Culpa temos nós em não termos, há mais tempo, tido a luminosa idéa de apresentar ao público do Brazil, uma publicação de propaganda tão necessaria e tão util como este nosso presente *ALMANACK CORUMBAENSE*.

Tal proximidade com o público valeu-lhe, inclusive um pedido de desculpas no Expediente, nele, o editor ratifica a “luminosa idéa” e resalta as “bôas intenções”.

#### **4. Uma língua brasileira no Almanack Corumbaense**

Um nome se destaca nas publicações do *Almanack Corumbaense*: Álvaro Bomílcar. Este, posteriormente, destaca-se em âmbito nacional na defesa de uma língua nacional. Seus recortes apresentados no citado almanaque são exemplos de uma autonomia linguística, dissociada dos padrões vigentes à época.

Vocábulos escolhidos mais ao gosto popular, como “desgraçada” – em tom jocoso (p. 16); deslizos na colocação pronominal – bem ao gosto dos brasileiros: “lhe fallo de mais perto” (p. 16); desprezo pela forma pronominal “tu”, tão banalizada em textos poéticos dos “letrados”; referências temáticas cotidianas: significado das cores, sofrimento por amor e, ainda, pregações ideológicas sobre a França: “lá tudo é de louça” (p. 85).

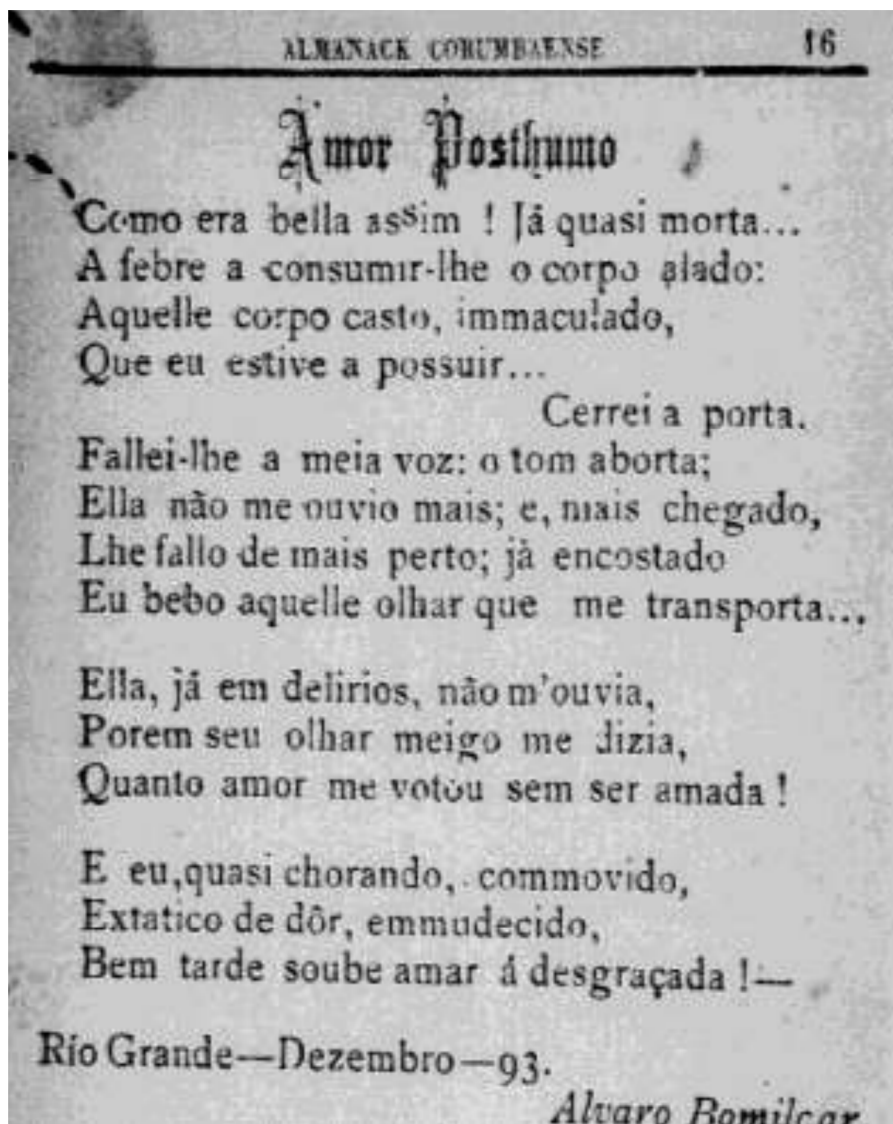
Sobre tais ocorrências, vale recorrer a Coutinho (2001, p. 335) que nega essas evidências em Portugal, permitindo aproximar a linguagem de Bomílcar à popular:

Os gramáticos brasileiros, secundando os seus colegas de Portugal, anatematizam essas práticas, tachando-as de ironias graves. Verdadeiros solecismos. Daí o cuidado de nossos escritores (...) No Brasil, então, assume as proporções de verdadeira calamidade. O literato, acoimado de incorreto entre nós, às vezes, por um simples descuido de colocação dos pronomes, encontrará sempre cerrada a porta que poderia conduzi-lo à glória da popularidade. Depois de leve cochilo gramatical, todas as boas qualidades lhe são negadas.

Sobre a escolha lexical, em sua obra *A Política no Brasil ou o Nacionalismo Radical*, Bomílcar (1920, p. 19) escreveu:

Escrevo pensando nos párias desclassificados nacionais, vadios e ociosos, ex-praças das corporações armadas, pescadores e pequenos diaristas rurais.

Aqueles que estão fora do ambiente convencional e livresco dos gabinetes e academias.



**Fig.1 – Fonte: Almanack Corumbaense (1898)**

Há ainda referências posteriores à necessidade de adoção dos “brasileirismos”, apresentada nos “Mandamentos do Patriota Brasileiro”, descritos na revista *Gil Blas* (1920, *apud* OLIVEIRA, 1990, p. 155): “12 – Falar e escrever em língua brasileira, isto é, em português modificado pelos brasileirismos e locuções da numerosa população brasileira já incorporados ao nosso patriotismo linguístico”.

Assim, seja com os citados “brasileirismos” ou despreocupado com as “regras” de uso dos clíticos, Bomilcar evidencia que o gênero almanaque é propício a esse tipo de manifestação, tal como sugere Koch (1997, p. 23) ao discorrer sobre conhecimento interacional como “as

formas de interação através da linguagem. Engloba os conhecimentos do tipo ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural”; estando marcante em Bomilcar o citado conhecimento comunicacional que sugere desde a seleção da variante linguística até a escolha do gênero para sua divulgação.

##### **5. Considerações finais: o gênero certo e o enunciador apropriado**

O estudo do *Almanack Corumbaense*, mais que seu caráter histórico revela peculiaridades comuns à história que precisam ser desvendadas e a historiografia linguística atende a essa perspectiva.

Já não é mais tempo, dado o processo tecnológico, de descobertas ficarem submetidas a pequenos contextos. É preciso que estas se propaguem, provando que autores de renome, estudados nos “grandes centros culturais” contribuíram, de maneira significativa, em outros territórios e já validavam seus ideais.

Historicamente, há indícios de nossa identidade linguística atrelada a circunstâncias socioculturais e esses olhares precisam ser dissipados. Daí o destaque ao *Almanack Corumbaense* por tal enfoque. Por isso, estudar o *corpus* em seu processo linguístico, é inspirar estudos no sentido de ampliar a visão do século XIX, como momento de construção histórica e precursora de uma identidade linguística até então pouco exaltada pela falta de evidência no cenário nacional.

Assim, revelar a participação de Bomilcar sem o apego à gramática normativa, é encontrar muitas formas de refletir sobre o português brasileiro. É uma oportunidade para se inteirar de um processo de formação da língua em contexto; por fim, é participar de uma descoberta, de cunho histórico, que gerará expressiva contribuição à sociolinguística.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*ALMANACK Corumbaense*. Corumbá: Typ. Italiana, 1898.

BOMILCAR, Álvaro. *A política no Brasil ou o nacionalismo radical*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurilio, 1920.

CÂMARA, Bira. Origem dos almanaques. *Jornal do Bibliófilo*. Disponível em: <<http://jornalivros.com.br/2009/11/origem-dos-almanaques>>. Acesso em: 28-03-2015.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

KOCH, Ingedore. A construção textual do sentido. In: \_\_\_\_\_. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, 1996.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990.